

## Sexo e afeto

Quais os limites do corpo das profissionais do sexo?

*Sex and affety: which are the limits of the sex professionals bodys?*

Luana Broni de Araújo e Tiago Luís Coelho Vaz Silva

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3573>

DOI: 10.4000/pontourbe.3573

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Refêrencia eletrónica

Luana Broni de Araújo e Tiago Luís Coelho Vaz Silva, « Sexo e afeto », *Ponto Urbe* [Online], 21 | 2017, posto online no dia 22 dezembro 2017, consultado o 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3573> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3573>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Sexo e afeto

Quais os limites do corpo das profissionais do sexo?

*Sex and affety: which are the limits of the sex professionals bodys?*

Luana Broni de Araújo e Tiago Luís Coelho Vaz Silva

---

## Introdução

- 1 A prostituição é uma atividade profissional que consiste na execução de serviços sexuais em troca de dinheiro. É exercida por mulheres, homens, heterossexuais, homossexuais, travestis e transexuais. Entretanto, durante a pesquisa, constatou-se que o número de mulheres que exercem esta atividade profissional é superior ao número de homens, no tocante à capital paraense.
- 2 Considerada por muitos autores como a “profissão mais antiga do mundo”, sua existência é notória no decorrer dos tempos; contudo, os indivíduos inseridos nesta atividade são alvos de preconceitos e estigmas, principalmente por vivermos em uma sociedade permeada por concepções oriundas do cristianismo e patriarcalismo. Conforme o entendimento de Gabriela Leite (2009), uma ex-prostituta que militou em prol dos direitos dos garotos e garotas de programa, o sexo ainda é um grande tabu em nossa sociedade e os profissionais da prostituição trabalham diretamente com o sexo.
- 3 Existem duas modalidades de prostituição: *a prostituição de rua e a prostituição de luxo*. O principal objetivo, ao realçar a diferença entre estas duas categorias, não é enaltecer uma em detrimento da outra, mas apontar suas peculiaridades para uma compreensão com mais afinco acerca do objeto de estudo: *a prostituição de luxo*.
- 4 A prostituta de rua exerce esta atividade profissional por uma necessidade de subsistência, geralmente não possuindo liberdade na escolha dos seus clientes e está mais suscetível às doenças sexualmente transmissíveis (DST), à violência exercida por seus clientes e, até mesmo, por outros indivíduos.
- 5 A prostituta de luxo, contudo, está inserida nesta atividade profissional por vontade própria e, dessa forma, possui maior liberdade de escolha em relação aos seus clientes. Estas, também são menos vulneráveis às DST e à violência, embora, não estejam isentas.

De acordo com Alves (2012) e Ribeiro (2011), há uma preocupação das prostitutas de luxo com a sua aparência, sendo frequentadoras de centros estéticos e salões de beleza e respondendo a um padrão social de corpo ideal, com o intuito de atraírem clientes.

- 6 Investigou-se, ainda, a vida destas profissionais do sexo de luxo na rede mundial de computadores (internet). Foram analisados sites de prostituição, onde ocorrem os acordos para os programas. Os indivíduos deste ramo profissional seguem um padrão estético, sendo eles: malhados e com pele e cabelos bem cuidados.
- 7 Os clientes destes profissionais geralmente são: políticos, jogadores de futebol, médicos, juízes, ou seja, indivíduos de classe média alta ou classe alta. Ressalta-se, ainda, que nem sempre o profissional é contratado para exercer atividades sexuais. Há relatos de que alguns clientes os contratam apenas para conversarem ou, até mesmo, os acompanharem em eventos. Com isso, podemos perceber que as funções exercidas pelo profissional do sexo não se resumem aos atos sexuais, bem como, que a prostituição vai além disso em determinados casos, o que será explorado ao longo do presente artigo.
- 8 Há quem pergunte “por que os clientes pagam um preço tão alto por um profissional do sexo de luxo?”, a resposta para isso está na forma com a qual o profissional se apresenta, geralmente discreta e sem o estereótipo convencionalmente socialmente do que seria um garoto ou garota de programa. Há, ainda, clientes que preferem sair como um profissional do sexo, ao invés de terem amantes fixos que possam prejudicar suas vidas conjugais.
- 9 O profissional do sexo de luxo sofre um duplo preconceito pela sociedade. Primeiro, porque exerce uma atividade que contraria os princípios sociais, morais e, em segundo, por praticá-la por vontade própria, um desejo pessoal. Acrescenta-se, que de acordo com a literatura estudada há uma tendência ao prazer nesta profissão, apesar dos questionamentos a ela atribuídos, no que concerne à liberdade e ao corpo destes profissionais.
- 10 Será observado, contudo, no decorrer da pesquisa que há limites simbólicos atribuídos aos profissionais do sexo, em relação aos seus corpos (OLIVAR 2011, (BANUTH, BARBOSA-FERREIRA 2015, PATRIARCA 2015, PASINI 2000). O corpo, para estes profissionais, é sua fonte de prazer e de trabalho, onde tecem suas relações profissionais e pessoais. O sexo concedido na prostituição é diferente do concedido em uma relação afetivo-amorosa.

## Os caminhos percorridos pela pesquisa

- 11 O presente trabalho é resultado de um projeto de Iniciação Científica (PIBIC) realizado na Universidade do Estado do Pará (UEPA), intitulado: “Prostituição de Luxo: Gênero, Trabalho e Sociabilidade na cidade de Belém”. Ao total, foram doze meses de pesquisa, acompanhados de um relatório parcial, um relatório final e apresentações dos resultados obtidos em eventos.
- 12 A presente pesquisa pautou-se em leituras bibliográficas e análises de sites de prostituição de luxo da cidade de Belém que contemplassem os objetivos que nos propusemos a investigar: 1) mapear o universo da prostituição de luxo em Belém; 2) realizar um estudo bibliográfico sobre o fenômeno da prostituição e sua interface com relações afetivo- amorosas; 3) realizar um estudo bibliográfico sobre a negociação da intimidade nas relações afetivo-amorosas entre garotas/os de programa e seus companheiros/as, quais sejam: “ficantes”, namorados/as, esposos/as, e, até mesmo,

clientes; 4) compreender as relações afetivo-amorosas efêmeras e sua interface com as tecnologias de informação e na rede mundial de computadores.

- 13 Um dos objetivos da pesquisa – como mencionado acima – é compreender o mapeamento da prostituição de luxo em Belém, realizado através da busca e análises de sites de prostituição, com o intuito de compreender como estes profissionais se apresentam nos sites. Analisou-se, ainda, o comportamento corporal, a estética de homens e mulheres. Ao total, dez sites foram analisados e serão explorados adiante.
- 14 É importante ressaltar que há uma dificuldade em encontrar materiais que abordem esta modalidade de prostituição, visto que a maioria das literaturas estão voltadas para a prostituição de rua. Isto revela o quanto este tema é pouco explorado, demonstrando que a atual pesquisa possui caráter inovador. Após a coleta destes materiais houve uma triagem, seguida de leitura acompanhada de fichamentos, o que possibilitou apontamentos específicos para o alcance dos objetivos.
- 15 Não houve contato direto com nenhum/a profissional do sexo, considerando o fato de que os próprios objetivos limitaram a uma abordagem mais bibliográfica. Entretanto, há uma possibilidade de aprofundamento desta discussão com entrevistas, em uma pesquisa futura, com o objetivo de contemplar maiores informações ao tema e aprofundar os conhecimentos acerca do assunto.
- 16 Diante das diversas leituras feitas no decorrer da pesquisa, deparamo-nos com uma palavra em torno do tema prostituição: o *preconceito*. A luta destes profissionais é diária e uma de suas faces é a regulamentação da atividade em caráter de profissão. Vejamos o trecho:

Os/as profissionais do sexo se veem diante de uma grande luta para exercer a sua atividade profissional, pois se trata de um pequeno grupo dentro de uma sociedade altamente preconceituosa, é a hegemonia dos falsos moralistas contra os “imorais”. (FEIJÓ, PEREIRA 2014: 47).
- 17 A prostituta rompe com os padrões impostos pela sociedade na execução da sua liberdade sexual, desde o sexo realizado com vários homens, ao ato de gozar em um programa ou não, ela conquista a sua liberdade e torna-se autônoma. Entretanto, ressalta-se a presença de discursos que contrariam esta ideia, apontando, na prostituição, uma forma de submissão da mulher ao homem, estando a serviço de suas vontades sexuais, ressaltando o corpo da mulher como uma mercadoria pronta para o consumo.
- 18 A prostituição de luxo é uma opção de vida e propícia ao indivíduo, na tentativa de inserção em um mundo de consumo, promovendo, ainda, a satisfação interna e externa. Interna no sentido de gostar do que faz e externa no que concerne à satisfação de necessidades mercadológicas. A prostituição “lhes confere a possibilidade de vestirem as roupas de *top models*, de grifes caras e sofisticadas ou ainda usarem os perfumes *Chanel n° 5*” (GUIMARÃES 2007: 68). A possibilidade de viajar, conhecer novos lugares e não se prender a uma rotina que outros trabalhos possuem também são fatores que influenciam na escolha.
- 19 O estigma observado se torna mais intenso quando referido às mulheres que exercem tal atividade. Não excluimos, ou tentamos negligenciar, o preconceito sofrido por homens inseridos na prostituição; pelo contrário, reconhece-se a existência de tal – no senso comum são chamados de *gigolôs*-. Mas, devido ao patriarcalismo e conservadorismo de nossa sociedade que ramifica as mulheres entre “santas” e “putas”, aquelas que se desviam do padrão de “mulher de família” são alvos do preconceito social.

Evidente preconceito na medida em que naturaliza a sexualidade masculina e cria a dicotomia mulher santa e puta, com nítida superioridade e funcionalidade da santa para a continuidade do modelo de família heterossexual, monogâmica, patriarcal (FEIJÓ, PEREIRA 2014: 43).

- 20 A mulher prostituta é vista como *impura, mulher da vida, puta ou aquela que não serve para casar*. Conforme o entendimento de Diniz e Queiroz (2008), a percepção da sociedade acerca das prostitutas é construída a partir da condição de transgressoras das regras e normas vigentes da sociedade. No próximo tópico será analisado como estas regras e normas sociais estão ligadas aos padrões do patriarcalismo e do machismo vigentes.
- 21 Há uma enorme dificuldade de reconhecimento da supracitada atividade como uma profissão e prolifera-se o discurso de totalização deste indivíduo. Não se reconhece que o profissional do sexo também desempenha outras funções na sociedade, como: mãe/pai, filha/filho, tia/tio, esposa/marido. Segundo Diniz e Queiroz (2008), quando há o reconhecimento de que exercem outras atividades na sociedade além da prostituição, constrói-se uma identidade subjetiva destas mulheres, que passam a ser vistas como péssimas mães ou filhas, esposas infiéis aos seus maridos ou ainda como pessoas não confiáveis.

## O estigma e o machismo

- 22 Quando o tema da prostituição é abordado, seja de luxo ou de rua, deparamo-nos com expressões prontas como: “mulher da vida”, “puta”, “vadia”, “não se dá ao respeito”. Discursos preconceituosos que são corriqueiros na vida das profissionais do sexo.
- 23 Ser prostituta em um meio social machista e patriarcal é um ato de coragem. Ressalta-se, ainda, que grande parte destas profissionais não revela sua verdadeira atividade profissional, com medo de represálias dos seus familiares, amigos ou conhecidos. Milhares de mulheres que se submetem ao mundo da prostituição escondem sua real atividade, portanto, são poucas que revelam sua atividade profissional e encaram o preconceito.
- 24 O senso comum costuma proliferar discursos machistas acerca da venda do corpo por dinheiro. Mas, será que o dinheiro paga tudo? Será que a profissional se submete a qualquer coisa por dinheiro? A resposta é não. Nem tudo o dinheiro paga. Muitas profissionais desta área de trabalho admitem não beijar na boca dos seus clientes, se recusam a fazer sexo sem preservativo e algumas não aceitam a execução do sexo oral ou anal ou práticas sadomasoquistas. (PATRIARCA 2015; (BANUTH, BARBOSA-FERREIRA 2015; PASINI 2000).
- 25 Alguns clientes, por estarem pagando pelo programa, sentem-se donos daquelas mulheres, mesmo que por pouco tempo, dependendo do acordo feito. Segundo Cavour (2006), muitas profissionais sofrem violência física e verbal por este tipo de pensamento errôneo. Analisemos:

É como se enquanto estivesse com a prostituta, ele fosse o dono dela e pudesse fazer e satisfazer todas as suas vontades, sem qualquer responsabilidade com ela. Ali, ela passa a ser seu objeto, seu brinquedo sexual, durante o tempo do programa e nada pode lhe ser negado. Porém, tudo se trata de uma ilusão comprada pelo homem, uma ideia falsa de poder e de jogo de sexualidade. Ali, quem põe a grande maioria das regras do programa é a prostituta, que deixa claro todas as possibilidades sexuais a serem realizadas e o preço das mesmas. Assim, se o cliente desejar ter algo

a mais, o valor do programa vai aumentando de acordo com as exigências. (CAVOUR 2006: 60)

- 26 Rompe-se com o senso comum de que o homem, por ser homem, pode dominar a mulher, pois quem fornece as regras do sexo é ela: a prostituta. Vale ressaltar, ainda, que a profissional de luxo possui critérios para sair com os seus clientes e ocorre uma negociação do que é ou não permitido no decorrer do programa.
- 27 A ideia de dominação masculina é uma herança cultural, fruto do machismo enraizado em nossa sociedade. Tanto que a prostituição é vista como um “mal necessário”. É nas mulheres prostitutas que se “despeja” a sexualidade desenfreada do homem, protegendo as “mulheres de família” de seus desejos incontroláveis e insaciáveis. Vejamos o trecho:
- A relação com a prostituta ainda é justificada como meio de descarga de uma necessidade fisiológica masculina, que está ligada a uma satisfação e a uma liberação de energia sexual irremediável, para a qual essas mulheres seriam o instrumento ideal desse alívio. (CAVOUR 2006: 59).
- 28 Há, também, a ideia de que é com a prostituta que o homem sacia os seus desejos sexuais, aqueles que não têm coragem de pedir às suas esposas, por acharem que elas não aceitariam realizá-los ou por acreditarem que um possível pedido sexual romperia com suas honras.
- 29 No Brasil colônia, especificamente nos anos de cultivo de cana de açúcar no Nordeste, as mulheres não frequentavam escolas, não trabalhavam e não podiam participar da vida pública, exclusiva dos homens. Desde crianças, as mulheres eram moldadas a ser donas de casa, aprendendo a cozinhar, costurar, bordar, cuidar de seu marido e de seus filhos. A mulher era destinada à procriação e os casamentos eram encomendados. Famílias tradicionais tinham a tendência de realizar o casamento de suas filhas com um indivíduo também de família tradicional.
- 30 Muitas mulheres, após o casamento, não tinham a noção do que era o sexo. E eram privadas de sentir prazer na relação sexual, o que nos leva a compreender que o sexo tinha apenas uma função para a mulher: a procriação. O destino do gênero feminino era gerar, cuidar dos seus filhos, da casa e do marido. Esse era o perfil da mulher ideal, segundo Cavour (2006).
- 31 A monogamia, que era um preceito propagado pelo modelo patriarcal e pela Igreja, era praticada, tão somente, pelas esposas. Os maridos eram livres para terem relações extraconjugais, geralmente com escravas e prostitutas. Eram nelas que os homens satisfaziam seus instintos sexuais. Dessa forma, compreende-se que assim, como a “mulher de família” tinha o seu papel na sociedade, a “mulher da vida” também o tinha.
- 32 Percebe-se que a “mulher de família” ou a “mulher da vida” eram doutrinadas à submissão masculina. A sexualidade feminina era reprimida, pois sentir prazer sexual, conhecer o seu próprio corpo ou descobrir os segredos destes era algo inadmissível para mulheres.
- 33 Em meados da década de 1690, com a expansão do cultivo de café no Sudeste, ocorreram mudanças na estrutura patriarcal. Com a falta de escravas e de imigrantes no meio urbano, algumas mulheres livres ocupavam os lugares vagos e, com isso, adquiriram condições de subsistência. Dessa forma, vê-se um rompimento com a estrutura trabalhista e alteração nos laços de divisões por gêneros, pois, na época, apenas os homens participavam da esfera pública.

- 34 O surgimento da burguesia fornece um novo modelo existencial, que rompe com a família tradicional. Se antes a economia se concentrava no interior, agora ela tornava-se presente no meio urbano. Mudanças de caráter político, econômico e social, portanto, foram notáveis, o que também culminou em mudanças na concepção de gênero, o que será analisado adiante.
- 35 Durante a metade do século XIX ocorreram mudanças significativas na estrutura social do Brasil. A independência e a proclamação da República provocaram modificações na estrutura da mão-de-obra brasileira, pois, rompeu-se com a escravidão e inaugurou-se a inserção da mulher no mercado de trabalho.
- 36 As mudanças consideráveis na vida das mulheres não ocorreram tão somente no âmbito trabalhista, mas também no campo social. Vejamos:
- Foi a partir da consolidação da sociedade industrial que houve a transição de um modelo tradicional de maternidade (mulher mãe, com grande número de filhos) para um modelo moderno de maternidade (mulher tem outras funções sociais além de mãe, o que leva a um número menor de filhos e um planejamento maior (CAVOUR 2006: 91).
- 37 É neste contexto que surge o “ser mulher” fora das dependências de casa, conquistando o reconhecimento de que outras funções também poderiam ser exercidas pela mulher, não lhe cabendo apenas ser mãe. Ressalta-se, ainda, que o conceito de “dupla jornada de trabalho” é fruto dos avanços na urbanização e na industrialização.
- 38 A liberdade e o reconhecimento do “eu mulher” alcançou diversas esferas. A sexualidade feminina, antes tão reprimida e condenada, conquistou, aos poucos, sua liberdade e dignidade. Com o advento dos métodos anticoncepcionais e do ideal divulgado de que a mulher, para ser mulher, não precisava, necessariamente, ser mãe emancipou a sexualidade feminina e o sexo passou a ser compreendido como prazer e não apenas com o objetivo de procriação. Analisa-se o trecho:
- A introdução da pílula anticoncepcional no mercado na década de 1960, propicia a separação entre o ato sexual e procriação, trazendo importantes transformações, como a libertação da mulher em relação à gravidez indesejada e a possibilidade da conquista de maior igualdade em relação ao homem. (GUIMARÃES 2007: 25).
- 39 De acordo com o senso comum, a prostituição é um rompimento com a ordem pré-estabelecida, um desencontro com o patriarcalismo. A atividade, comumente, está ligada à promiscuidade, uma vida desviante. Contudo, ao estabelecermos um panorama histórico sobre os papéis do gênero feminino e masculino na sociedade, percebemos o quanto as mulheres estavam (e ainda estão) atreladas ao mundo da vida privada, que se resume aos cuidados domésticos, dos filhos e maridos em uma forte estrutura de repressão à sua sexualidade, enquanto ao homem cabe a vida pública e o exercício de sua sexualidade sem amarras.
- 40 A proliferação de discursos preconceituosos acerca da prostituição é cada vez mais crescente, contudo, crescem, também, as discussões militantes sobre o tema. Segundo Marlene Teixeira (2009) e Feijó, Pereira (2014) há, ainda, uma grande dificuldade de encarar a prostituição como uma profissão como outra qualquer, o que acarreta em preconceitos e estigmas em relação a essa atividade profissional.

## Análise dos sites

- 41 Uma das etapas da presente pesquisa baseou-se nas análises dos sites de prostituição de luxo atuantes na capital paraense. Ao todo, foram dez sites e suas peculiaridades foram descritas nos relatórios parcial e final, ajudando na compreensão de como ocorre a exposição e divulgação do trabalho destes profissionais, principalmente no âmbito informacional (internet).
- 42 Os sites analisados foram: Norte Sexy, Garota Elite, Acompanhante Executivo, Rede Brasil Sexy, VIP Belém, Musas do Pará, Muito Sexy, Belém Acompanhantes, Coelhinhos do Brasil, Gatas Love.
- 43 A cada visita aos sites, notou-se que quase todos os envolvidos no cenário da prostituição preservavam, ao máximo, suas identidades. Identificou-se que, nas fotos de divulgação, a maioria das prostitutas procuravam de alguma forma esconderem seus rostos - o que pode, também, ser interpretado como uma maneira de sensualizar, ao máximo, a fotografia ou, ainda, no medo que essas pessoas têm de suas profissões serem reveladas, ou qualquer reconhecimento de suas identidades por seus familiares, amigos, parceiro amoroso ou terceiros. Alguns dos profissionais, em número menor, podiam ser identificados, por não esconderem os seus rostos e tal fato esteve atrelado a profissionais do sexo masculino, travestis e transexuais.
- 44 Como já vimos, a prática da prostituição é exercida tanto por homens quanto por mulheres; entretanto, na análise dos sites percebeu-se um número superior de mulheres em relação aos homens. Dos dez sites visitados e analisados, apenas o *Acompanhante Executivo*, *Rede Brasil Sexy* e *Belém Acompanhantes* tinham a presença de homens. Os sites *Acompanhante Executivo* e *Garota Elite* anunciavam travestis e no site *Belém Acompanhantes* não havia a presenças de mulheres, mas sim, de homens e transexuais. Notou-se, ainda, que com exceção de um homem, todos os profissionais desta rede possibilitaram sua identificação.
- 45 Segue abaixo um quadro ilustrativo acerca da disponibilidade dos sites de acompanhantes, quanto aos profissionais do sexo encontrados:

Norte Sexy	Mulheres
Acompanhante Executivo	Mulheres, homens, travestis
VIP Belém	Mulheres
Muito Sexy	Mulheres
Coelhinhos do Brasil	Mulheres
Garota Elite	Mulheres
Rede Brasil Sexy	Mulheres, homens, travestis
Musas do Pará	Mulheres
Belém Acompanhantes	Homens e transexuais

Gatas Love	Mulheres
------------	----------

- 46 Outra questão identificada foi a divulgação exacerbada dos corpos destes profissionais. As fotos possuíam um caráter sensual, e, geralmente, as mulheres estavam despidas ou fazendo uso de lingerie ou biquíni. Acrescenta-se, ainda, que o mesmo ocorreu com os homens, que, comumente, estavam despídos ou com sungas.
- 47 Notou-se, ainda, que os corpos das profissionais estavam adequados a um certo padrão social. O cuidado com o corpo era notório, justamente por ser considerado uma fonte de renda. Para Alves (2012), há um padrão social construído em relação ao corpo perfeito e esse modelo de corpo conduz as mulheres a tratamentos de beleza que interferem e modificam suas aparências. Há uma procura considerável por centros estéticos e academias, considerados as fontes de fabricação do corpo ideal. “Diante dessa “fábrica corporal” as garotas de programa, notadamente de luxo, são atingidas por tal modelo criado socialmente, caso desejem atrair seus clientes.” (ALVES 2012: 136).
- 48 A autora Ribeiro (2011) também aponta uma preocupação destas profissionais com os seus corpos, ressaltando que através da preocupação excessiva com a estética e com a beleza corporal, as garotas de programa submetem-se a tratamentos e cirurgias em um curto prazo de tempo.
- 49 Na pesquisa, além das fotos dos corpos dos profissionais do sexo, identificou-se, ainda, uma série de informações disponíveis para os clientes, como: nome (geralmente fictício), idade, altura, medidas corporais, cor do cabelo, cor dos olhos, peso, dote (no caso dos homens), disponibilidades para eventos, disponibilidade para viagens, atendimento para homens e mulheres, atendimento para casais, se realiza sexo oral e anal, uso de camisinha e o preço a combinar.
- 50 Estas informações adicionais são diferentes de um site para outro, não seguindo um padrão. A única padronização notada foi a presença de fotos dos profissionais. O contato do cliente com o profissional do sexo ocorre via e-mail ou telefone. Não há uma declaração do preço a ser cobrado nos sites, compreendendo-se que é através do processo de negociação que o preço é estipulado, conforme as informações adicionais fornecidas pelo profissional.
- 51 Este é um dos fatores que mais diferencia a prostituição de rua, da prostituição de luxo. Enquanto a primeira exerce sua atividade pelas ruas da cidade – à noite geralmente -, a prostituta de luxo usufrui de um considerável aparato profissional, como: a possibilidade de fazer um book e postar suas fotos em um site; possibilidade de expor informações de caráter pessoal, como quais práticas são permitidas durante o sexo, impondo uma relação de limite com o cliente, além da possibilidade de ser contatada pelo seu possível cliente e negociar ou combinar um preço.

## Os limites simbólicos do corpo da profissional do sexo

- 52 Neste tópico serão analisados os resultados obtidos em torno dos demais objetivos investigados através do material bibliográfico, sendo eles: relação afetivo-amorosa no mundo da prostituição; relações afetivo-amorosas das prostitutas com os seus clientes, namorados, “ficantes”, maridos e a manifestação destas relações afetivo-amorosas com a interface da internet.

- 53 Aprofundar o estudo no campo da prostituição é desafiador. Ao longo da pesquisa, deparamo-nos com preconceitos, estigmas, machismos e patriarcalismo. Para o senso comum: “a puta transa com qualquer um”, não há critérios na negociação do sexo, como se o dinheiro pudesse pagar tudo. Contudo, com o aprofundamento nas leituras acerca do tema, percebeu-se que a “puta” não transa com qualquer um e que o dinheiro não compra tudo.
- 54 O programa nos remete à troca de serviços sexuais por dinheiro, onde: “Fazer programa é um termo êmico que corresponde a um intercâmbio previamente estabelecido de dinheiro por serviços sexuais, que não necessariamente corresponde a práticas sexuais” (PATRIARCA, 2015: 7).
- 55 O programa vai além do sexo pois alguns clientes de prostitutas procuram-nas muitas vezes para conversar, dialogar ou desabafar sobre problemas pessoais/profissionais. Mais uma vez, portanto, descontrói-se a ideia de totalidade que é atribuída à figura das mulheres que são prostitutas, como se desempenhassem apenas essa atividade em suas vidas, segundo Olivar (2015).
- 56 O ato sexual com parceiro afetivo amoroso é diferente do ato sexual com o cliente. E essa distinção é feita com o intuito de separar a vida profissional da vida pessoal. “Uma vez que o sexo comercial exige a transposição de barreiras morais, simbólicas e corporais e pode suscitar emoções diversas, como asco e prazer.” (BARBOSA FERREIRA, BANUTH 2015: 3). Nessa separação entre vida pessoal e profissional, ressalta-se:  
(...) o estabelecimento das parcerias afetivas e comerciais é definido por alguns limites de envolvimento entre clientes e prostitutas. Ultrapassar tais limites determinaria uma espécie de falta de profissionalização e negação dessa distinção. (DINIZ E QUEIROZ 2008: 11)
- 57 Conforme o entendimento de Barbosa-Ferreira, Banuth (2015) e Patriarca (2015), algumas práticas não são comumente permitidas pelas profissionais durante o ato sexual com o cliente, como, por exemplo: beijar na boca, carícias nos seios e nádegas, gozo (prazer sexual) e uso de camisinha, dormir com o cliente. Estas práticas são evitadas pela maioria das mulheres inseridas na prostituição, por entenderem que são ações que devem ser realizadas com alguém de confiança, a pessoa a qual elas possuem vínculos afetivo amoroso, considerando uma traição realizarem com outros homens que não os seus parceiros.
- 58 É comum ao lermos e compreendermos a relação entre prostitutas e clientes deparar com uma diferenciação que as garotas de programa fazem em relação aos homens presentes em sua vida, dividindo-os e categorizando-os entre clientes e não clientes, conforme Pasini (2000), Olivar (2012). Os primeiros seriam os indivíduos com os quais se mantém relação profissional, realizando o programa e vendendo o corpo em troca de dinheiro, estabelecendo, com eles, determinados limites simbólicos, com os quais nos deteremos mais adiante. “Algumas práticas sexuais não são realizadas com eles, caso aconteça, há algum “limite simbólico” que diferencia essas relações” (PASINI, 2000: 187).
- 59 Os segundos seriam os indivíduos que fazem parte da vida afetiva dessas mulheres, como: “ficantes”, companheiro afetivo, namorado ou marido. É com eles que as atividades que são “proibidas” para os clientes, são efetivadas. Geralmente, tais ações estão ligadas ao sentimento e afetividade da mulher por alguém.
- 60 A questão é que esta distinção entre cliente e não cliente é a forma que as garotas de programa encontraram para racionalizar sua atividade e estabelecer distinções da sua

vida profissional com a pessoal, já que a primeira é permeada por relações sexuais que também se tornam presentes em sua vida privada, porém, com limites pré-estabelecidos com o intuito de diferenciá-las. “Dessa forma, elas racionalizam seu trabalho e estabelecem, através do corpo, a maneira de experienciar sua vida tanto na prostituição quanto fora da prostituição.” (PASINI 2000: 188).

- 61 Segundo Pereira (2013), o sexo possui múltiplos significados e não pode ser compreendido desvinculado do contexto. Reforça-se, novamente, que o sexo estabelecido com o cliente é diferente do estabelecido com o não cliente, o que é notório diante da recusa, por algumas mulheres, da realização de determinadas práticas, como, por exemplo o sexo oral ou anal. Ainda sob a perspectiva desta autora, o sexo atribuído ao cliente é uma troca de fantasias sexuais por dinheiro, enquanto, o sexo atribuído ao não cliente é a troca de sexo por afetividade, carinho, amor e proteção.
- 62 Para muitas mulheres o beijo na boca representa afeto e está ligado aos seus sentimentos. Em geral, prostitutas não beijam os seus clientes na boca porque acreditam que esta é uma ação ligada ao sentimentalismo e restringem-na, tão somente aos seus companheiros, não clientes. “O beijo na boca tem muitas vezes o estatuto de tabu na prostituição e, efetivamente, é geralmente excluído do programa, por ser considerado símbolo de intimidade, autenticidade e amor.” (FRANÇA 2015: 51). Contudo, há casos em que prostitutas beijam os seus clientes, chegando, inclusive a se relacionarem afetivamente com eles; entretanto, esse envolvimento não é uma regra geral.
- 63 O ato de não deixar o cliente acariciar o seu corpo, em especial os seios e nádegas também está ligado ao sentimentalismo, à afetividade e, geralmente, às ações que são liberadas para os não clientes para alguns profissionais. O sexo anal também é um limite simbólico que deve ser respeitado, embora, algumas profissionais do sexo o realizem com o cliente, o que, na maioria dos casos, é negociado antes do programa começar. (FRANÇA, 2015; PASINI 2000; PATRIARCA 2015).
- 64 O uso de preservativos é uma outra identificação dos limites simbólicos estabelecidos no programa. Além de prevenir contra as doenças sexualmente transmissíveis (DST) e uma indesejada gravidez, o sexo, sem camisinha, também está atrelado, por alguns profissionais, ao sentimentalismo e à confiabilidade. Vejamos:
- O uso de preservativo masculino nas relações sexuais e a não realização de sexo anal, condições que são combinadas previamente com os clientes, de forma a não haver problemas posteriores. (GUIMARÃES, BRUNS, BURBULHAN 2012: 6-7).
- 65 O gozo no trabalho é terminantemente taxado como falta de profissionalismo e evitado ao máximo por estas mulheres prostitutas. O ato de gozar, o sentir prazer, está relacionado a um parceiro afetivo-amoroso, e não com o cliente. Para Elisiane Pasini (2000) algumas profissionais se culpam por sentirem prazer sexual com o cliente, por associarem o gozo aos seus sentimentos. “O orgasmo feminino materializava de maneira indiscutível a relatividade da presença do marido.” (OLIVAR 2011: 96).
- 66 Deve-se ressaltar que na ausência de um parceiro “fixo” fora do mundo da prostituição, algumas mulheres sentem uma “facilidade” em gozar com clientes, por conta de suas carências, mas, assinala-se que não é com “qualquer cliente” que tal prática é suscetível de ser realizada. Para França (2008) as garotas de programa procuram sempre dosar suas emoções, estabelecendo limites com os seus clientes, o que deve ser considerado como um saber da atividade de prostituição.

- 67 No que se refere ao envolvimento afetivo da profissional com o cliente, ressalta-se que são exceções, principalmente pela existência destes mecanismos de controle, apontados durante o artigo. Salienta-se que a construção sexual do programa acontece de forma “mecânica”, sem muito envolvimento afetivo, com o máximo de cuidado para que não ocorra troca de sentimentos por um cliente.
- 68 No que concerne às manifestações das relações afetivo-amorosas das prostitutas com os seus clientes, com base na interface com as tecnologias de informação, compreende-se que a rede mundial de computadores – internet – facilitou a comunicação dos profissionais do sexo com os seus clientes, mas ao mesmo tempo, é acompanhada de exposição exacerbada, que acarreta em preconceito e estigma. Por este fator, muitos profissionais usam pseudônimos e dificilmente expõem os seus rostos nas redes sociais, por medo de represálias. Isso se torna evidente quando analisamos os sites de prostituição da capital paraense, no qual nenhuma garota expõe o seu rosto, pois está sempre preocupada com uma possível exposição ou identificação.
- 69 Os limites simbólicos explanados são traçados e impostos pela profissional do sexo, como medida de controle de suas emoções, dos seus corpos e do programa estabelecido, levando-as a um encontro com a sua própria autonomia, na qual estas estabelecem as regras de suas atividades e se tornam protagonistas de suas funções, não sendo submetidas aos ditames masculinos.

## Considerações finais

- 70 No decorrer deste trabalho, compreendeu-se a complexidade do mundo dos profissionais do sexo. Identificou-se a existência de duas modalidades de prostituição: a prostituta de rua e a prostituta de luxo. Detivemo-nos no estudo do segundo tipo, analisando a performance destas profissionais na internet, nos sites específicos para divulgação de seus trabalhos.
- 71 Conforme ressaltado na introdução da presente pesquisa não tivemos contato com algum ou alguma profissional do sexo, estabelecendo uma metodologia de investigação que teria como foco o comportamento destes indivíduos, sua exposição na rede mundial de computadores, na internet.
- 72 Procuramos os sites atuantes na capital paraense no que corresponde à prostituição de luxo, e no total dez sites foram analisados. Exploramos suas peculiaridades e diferenças e constatamos que a maioria das profissionais do sexo possuem um cuidado para não serem identificadas. Conjuntamente com as leituras realizadas, associamos esse cuidado em proteger sua identidade com o estigma e preconceito que essas profissionais sofrem.
- 73 Percebemos a estética por meio das fotos disponibilizadas, os padrões de corpos, as vestimentas. Os estereótipos e padrões pré-estabelecidos pela sociedade de consumo estão presentes nesta modalidade profissional, existindo uma verdadeira necessidade de manterem-se sempre esbeltas e belas pelo tipo de clientela que atendem.
- 74 As informações adicionais, como: cor de cabelo, cor dos olhos, manequim, altura etc. possibilitam e tendem a determinar, conjuntamente com as fotos, a prostituta com a qual o cliente entrará em contato. O preço é determinado pela profissional de acordo com as práticas que estão dispostas a fazer.

- 75 Por meio de leituras bibliográficas também analisamos como a relação entre a prostituta e o cliente é estabelecida, e em todos os textos explorados houve um consenso: o dinheiro não compra tudo e há limites simbólicos no corpo das profissionais do sexo. Limites estes que são representados na negação por parte das profissionais do sexo de determinadas práticas sexuais, como: o sexo anal, oral, beijo na boca. O cuidado com sua preservação, uso de camisinha. O sexo é o seu ramo profissional, sua prática. O amor é relacionado com o seu parceiro afetivo amoroso.
- 76 O sexo é para os clientes, enquanto o “fazer amor” está atrelado ao não cliente, que seria o parceiro afetivo amoroso. “Cliente não se trata como namorado.” (LEITE 2009: 8), o que elucida perfeitamente os limites reais de conduta de uma profissional do sexo. Há normas e regras no mundo da prostituição, dentre elas, a preservação dos limites do corpo. O corpo ainda que seja sua fonte de renda e meio de satisfação do cliente, pertence à profissional e deve ser respeitado. Concluindo que as barreiras físicas e simbólicas são utilizadas pelas profissionais como formas de se protegerem e dividirem ao máximo sua vida profissional da sua vida pessoal.
- 77 Compreendeu-se, com o exposto, que uma das marcas da prostituição ainda é o preconceito que perpassa a profissão, bem como, a proliferação de discursos e normas de padrão social, que são pautados na religião e no machismo. A dicotomia social, que divide e classifica a mulher entre “santa” ou “puta”, permeia as opiniões do senso comum, reforçando a ideia de submissão ao ideal masculino e de repreensão da sexualidade feminina.
- Uma prostituta não deixa de ser mulher porque tem determinadas práticas sexuais. Assim como uma mulher não deixa de ser mulher ao afirmar seu desejo sexual. São identidade femininas coexistentes, e que devem ser aceitas enquanto maneiras legítimas e possíveis de vivenciar a intimidade. (BANUTH, BARBOSA-FERREIRA 2015:10).
- 78 Por fim, o presente trabalho não pretende encerrar a discussão acerca das profissionais do sexo, mas sim, destaca a necessidade de proliferação de pesquisas sobre o referido tema, possibilitando uma compreensão mais a fundo do mundo destes profissionais. No referido artigo, investigou-se, tão somente, uma pequena parte, frente à complexidade em que está inserido o mundo da prostituição.

---

## BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Mariana Luciano, SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. 2013. “Prostituição: uma história de invisibilidade, criminalização e exclusão.” Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis.
- ALVES, Fábio Lopes. 2012. “A construção social do corpo feminino: um estudo a partir da prostituição feminina de luxo.” Revista Tempo, Espaço e Linguagem n. 2: 133-152.
- BANUTH, Raquel de Freitas, BARBOSA-FERREIRA, Francirosy Campos. 2015. “Entre dinheiro e o prazer sexual: uma análise antropológica sobre sexualidade e afeto em uma casa de prostituição em Ribeirão Preto.” Ponto Urbe n. 16: 1-14

- BORBULHAM, Fernanda; GUIMARÃES, Roberto Mendes e BRUNS, Maria Alves de Toledo. 2012. "Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação das prostitutas com seus clientes." *Psicol. Estud.* n. 4: 669-677.
- CAVOUR, R. C. 2006. *Mulheres de Família: Papéis e identidades das prostitutas no contexto familiar*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Psicologia, PUC-RIO.
- DINIZ, Maria, QUEIROZ, Fernanda. 2008. "A relação entre gênero, sexualidade e prostituição." *Divers@ Rev. Elet. Interdisc.* n. 0: 2-16.
- FRANÇA, M. V. 2011. "Dentro e fora do programa: interações afetivo-sexuais de prostitutas da zona boêmia de Belo Horizonte." In: 35º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu.
- FEIJÓ, Maurício Eduardo de Vasconcelos, PEREIRA, Jesana Batista. 2014. "Prostituição e Preconceito: uma análise do projeto de lei Gabriela Leite e a Violação da dignidade da pessoa humana." *Ciências Humanas e Sociais* n.1: 39-57
- GUIMARÃES, Katia, & MERCHÁN-HAMANN, Edgar. 2005. "Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania." *Rev. Estudos Feministas* n.320: 525-544.
- GUIMARÃES, Roberto Mendes. 2007 *Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Psicologia, USP.
- GUIMARÃES, Roberto Mendes, BRUNS, Maria Alves de Toledo, BURBULHAN, Fernanda. 2008 "Prostituição de luxo: a vivência sexual das profissionais do sexo." In: *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, SC.
- \_\_\_\_\_. 2015. "Expressão e produção de emoções no comércio do sexo." *Revista Clínica e Cultura* n°1: 46-58.
- LEITE, Gabriela. 2009. *Filha, mãe, avó e puta. A história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. 2011. "Banquetes de homens. Sexualidade, parentesco, predação na prática da prostituição feminina." *Revista Brasileira de Ciências Sociais* n.75: 89-101.
- PASINI, Elisiane. 2000. "Limites simbólicos e corporais na prostituição feminina." *Cadernos Pagu* (UNICAMP. Impreso): -181-200.
- \_\_\_\_\_. *Prostituição e liberdade do corpo*.
- Disponível em: <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/Elisiane.pdf> Acessado: 18/12/2016.
- PATRIARCA, Letizia. "Quanto é o programa?": Notas sobre trocas econômicas, afetivas e sexuais na prostituição." V REA/ IV ABANNE – Direitos diferenciados, conflitos e produção de conhecimentos. 2015 (Congresso).
- PEREIRA, Amanda Gomes. 2013 "Relações afetivas e laborais em uma casa de prostituição de mulheres." *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* n.35: 566-592.
- PETRÓ, Vanessa. "Profissionais do Sexo: Uma perspectiva antropológica do estigma da prostituição." Disponível em: [www.antropologia.com.br](http://www.antropologia.com.br). Acessado: 14/10/2016
- RIBEIRO, Fernanda M. Vieira. "Casas de prostituição e o circuito sexual das prostitutas de luxo no Nordeste." In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, 2011.
- RODRIGUES, Marlene Teixeira. 2009 "A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?" *Rev. Katál* n.1: 68-76.

RUSSO, Gláucia. 2007 “No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos.” Cad. CRH n. 51: 497-514.

SALES, Ana Paula Luna. 2013 “Amor à venda? Ritualização do programa entre prostitutas do Restaurante Granada.” Revista Etnográfica [Online] n°1: 147-163.

## RESUMOS

O presente artigo é resultado de um projeto de Iniciação Científica - PIBIC, no qual, durante doze meses de pesquisa nos propusemos a investigar o mundo da prostituição de luxo na cidade de Belém. Tivemos como objetivos: realizar um mapeamento da prostituição de luxo na cidade de Belém; investigar o fenômeno da prostituição e sua interface com relações afetivo-amorosas; compreender a negociação da intimidade nas relações afetivo-amorosas entre profissionais do sexo e seus companheiros e compreender como se manifestam estas relações na rede mundial de computadores (internet). Investigamos os limites impostos por estas profissionais aos seus clientes, compreendendo que nem tudo é permitido na profissão, bem como, que o dinheiro não paga tudo e que há limites simbólicos ao corpo dos profissionais do sexo. A metodologia adotada foi a bibliográfica e a análise de sites de prostituição da capital paraense.

The present article is a result of one project of Scientific Initiation – PIBIC, in which among twelve months of research we proposed ourselves to investigate the world of luxury prostitution in the city of Belém. We had as objective to do a mapping of the luxury prostitutions in the city of Belém, to investigate the phenomenon of prostitution and its interfaces with affective relationships; to understand the negotiations of intimacy in the affective relationships between the sex professionals and their partners; and, to understand how this affective relationships manifests itself in the worldwide computer network (internet). It has investigated the boundaries established by these professionals to their clients, understanding that not everything is allowed in this job, that que money does not pay everything and that there are symbolic limits in the body of the sex professionals. The methodology adopted is bibliography and analyses of prostitutions websites on the capital of this state.

## ÍNDICE

**Keywords:** luxury prostitution, Belém, affection, sex, corporal boundaries

**Palavras-chave:** prostituição de luxo, Belém, afeto, sexo, limites corporais

## AUTORES

### LUANA BRONI DE ARAÚJO

Mestranda em Ciência Política na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Graduada em Filosofia na Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Membro do grupo de pesquisa Gênero, Sexualidade e Gerações (GENSEG/UEPA).

E-mail: luanaujo@hotmail.com

### TIAGO LUÍS COELHO VAZ SILVA

Doutorando em Ciências Sociais na Universidade de Campinas (UNICAMP).

Mestre em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Graduado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará (UFPA).  
Membro do grupo de pesquisa Gênero, Sexualidade e Gerações (GENSEG/UEPA).  
Professor Assistente III da Universidade do Estado do Pará (UEPA).  
Professor Classe III da Secretaria Executiva de Estado de Educação do Pará (SEDUC).  
E-mail: tvazsilva@gmail.com